



A Revista Trimestral da Federação Internacional dos
Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM).

No.3 / 2007

METALWORLD

TRABALHO METALÚRGICO NO BRASIL

NOTÍCIAS FITIM
Assinado AMI com a Brunel

Auditoria no México:
Contas em dia

Reportagem especial
O Mercosul



www.imfmetal.org



**CANTINHO
DO SECRETÁRIO
GERAL**

TRABALHO PRECÁRIO

Marcello Malentacchi / Secretário-geral da FITIM
mmalentacchi@imfmetal.org

Você tem em mãos o último número da revista trimestral da FITIM, Metal World ('Mundo Metalúrgico' em inglês). Como você pode ver, o projeto e o formato são diferentes dos números anteriores. Tendo escutado suas opiniões sobre o que se quer da Metal World, nós re-projetamos nossa revista para garantir que ela contenha informações úteis num formato mais moderno. Espero que você goste dos resultados e considere o conteúdo relevante em seu trabalho.

A matéria principal deste número é dedicada ao Brasil e aos metalúrgicos deste enorme país. A intenção é que seja uma introdução ao país onde se realizará a próxima reunião do Comitê Central da FITIM.

O tema principal da discussão no Comitê Central em novembro será o trabalho precário e o crescente predomínio do emprego não-permanente, temporário, informal, inseguro e contingente, freqüentemente sem a cobertura da legislação trabalhista ou as proteções da seguridade social.

Em algumas regiões do mundo e em certos setores industriais, a maioria dos trabalhadores tem contratos de trabalho individuais que garantem o emprego por apenas algumas semanas. Em alguns casos, o trabalhador com um contrato de curto prazo pode até receber um salário melhor, mas isto geralmente se dá às custas de proteções sociais ou contribuições para fundos de aposentadoria.

Ao longo dos últimos anos no Brasil, muitos metalúrgicos mensalistas e altamente qualificados, ainda que permanecendo na mesmíssima função, têm sido re-designados como autônomos ou pessoa jurídica (PJ), com acesso reduzido a benefícios sociais. Este ano, o Congresso Nacional brasileiro tentou mudar a legislação tributária, proibindo que fiscais de rendas decidam se um profissional autônomo pode ser considerado uma firma ou não, isto é, se é um contribuinte individual normal (pessoa física), na prática limitando o acesso a benefícios sociais de TODOS os trabalhadores que não têm uma relação de trabalho clara com um empregador.

Esta prática visa maximizar os lucros e a flexibilidade, e transferir os riscos para os trabalhadores. Ela está acontecendo em muitas outras partes do mundo. Se não agirmos de forma decidida em âmbito nacional e internacional sobre esta questão, tenho certeza de que esta situação só piorará mundo afora.

Os sindicatos brasileiros, assim como os de outros países, estão dando máxima prioridade em sua luta a esta questão específica. Espero que o exemplo deles seja uma luz guiando a todos nós.

METAL WORLD

Publicada quatro vezes por ano em inglês, russo e japonês pela Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM).

**FITIM
54 bis, route des Acacias
CH-1227 Genebra**

Suíça

**Tel: +41 22 308 5050
Fax: +41 22 308 5055
Email: info@imfmetal.org
Website: www.imfmetal.org**

As opiniões expressadas nesta publicação não representam necessariamente os pontos de vista da FITIM.

Presidente: Jürgen Peters

Secretario Geral:
Marcello Malentacchi
mmalentacchi@imfmetal.org

Editora: Anita Gardner
agardner@imfmetal.org

Editora de notícias: Kristyne Peter
kpeter@imfmetal.org

Publicação na Internet: Alex Ivanou
aivanou@imfmetal.org

Colaboradores deste número:
Raquel Camargo
Tim Chapman/AMWU
Hyewon Chong/KMWU
Maria Silvia Portela de Castro
Alex dos Santos
Jenny Grice/NUMSA
Iugo Koyama
Masha Kurzina
Roberto Parizotti
Valeska Solís
Chris Whitehouse

Design: Nick Jackson
www.creativelynx.ch

Impressão: Drukkerij Lannoo
www.lannoooprint.com

Tradução: Leandro Moura
leandromoura@hotmail.com

Foto Capa: Roberto Parizotti

ÍNDICE

NOTÍCIAS FITIM / Page 7

AUDITORIA NO MÉXICO

Auditoria em fundo de 55 milhões de dólares pertencente ao Sindicato Nacional de Mineiros e Metalúrgicos (SNTMMSRM) confirma que as acusações de enriquecimento ilícito contra Napoleón Gómez Urrutia, secretário geral do SNTMMSRM, são infundadas.

PRINCIPAL / Página 12

O TRABALHADOR METALÚRGICO NO BRASIL

Participantes do Comitê Central da FITIM no Brasil em novembro encontrarão um movimento sindical muito forte, particularmente no setor metalúrgico.

REPORTAGEM ESPECIAL / Página 18

OS METALÚRGICOS E O MERCOSUL

Em 1991, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai começaram a criar um mercado comum, processo monitorado de perto e influenciado pelos sindicatos.

PERFIL / Página 24

ALEXEI ETMANOV

Alexei Etmanov foi ao Brasil como membro de uma delegação sindical em 2005 e voltou para seu emprego numa fábrica da Ford na Rússia com um conceito totalmente novo de sindicalismo.



Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas

A Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas representa os interesses coletivos de 25 milhões de metalúrgicos de mais de 200 sindicatos em 100 países.

A FITIM representa trabalhadores, da produção ou não, de indústrias como siderurgia, mineração de metais não-ferrosos e minérios, engenharia mecânica, construção naval, automotiva, aeroespacial, elétrica e eletrônica.

A FITIM almeja melhorar os salários, condições de trabalho e de vida dos trabalhadores, e garantir que os direitos dos metalúrgicos sejam respeitados.

A sede fica em Genebra, Suíça, de onde são coordenadas as atividades por todo o mundo com uma rede de escritórios localizados nos seguintes lugares:

ESCRITÓRIO DA ÁFRICA
The Braamfontein Centre
Jorissen Street, Braamfontein
Johannesburgo 2001 ÁFRICA DO SUL
Tel: +27 11 339 1812
Email: esao@imfmatal.org

ESCRITÓRIO DO SUL DA ÁSIA
Linz House, 159-A, Gutam Nagar
Nova Délhi, 100 049 ÍNDIA
Tel: +91 11 2653 7125
Email: sao@imfmatal.org

ESCRITÓRIO DO SUDESTE DA ÁSIA
No. 10-3 Jalan PPJS 8/4
Dataran Mentari, Bandar Sunway
46150 Petaling Jaya
Selangor Darul Ehsan MALÁSIA
Tel: +60 3 56 38 7904
Email: seao@imfmatal.org

ESCRITÓRIO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE
Av. Providencia 2019, Oficina 42-B
Providencia, Santiago CHILE
Tel: +56 2 6555 0474
Email: jcampos-fitim@entelchile.net

ESCRITÓRIO DO PROJETO CEI (Comunidade de Estados Independentes)
Room 211. Str. 2, d 13, Grokholsky per.,
129010 Moscou RÚSSIA
Tel: +7 495 974 6111
Email: pocis@imfmatal.org



ACORDOS MARCO INTERNACIONAIS / Página 4

SETOR AUTOMOTIVO / Página 5

AÇO E METAIS / Página 6

DIREITOS HUMANOS E SINDICAIS / Página 6

SOCIEDADE INTERNACIONAL / Página 7

COMÉRCIO / Página 8

NOTÍCIAS DE FILIADOS / Página 8

REUNIÃO DA FITIM / Página 9

PUBLICAÇÕES / Página 10

COMITÊ CENTRAL 2007 / Página 10

ACORDOS MARCO INTERNACIONAL

FITIM assina AMI com a Brunel

GLOBAL. A FITIM e o Sindicato Australiano de Trabalhadores Industriais (AMWU) assinaram um acordo marco internacional (AMI) com a Brunel, empresa do ramo de recrutamento internacional e prestação de serviços sediada na Holanda, que coloca trabalhadores qualificados nos ramos de engenharia, de tecnologia da informação e comunicação, jurídico, finanças, seguros e bancos.

Ao assinar o acordo, a Brunel formalizou seu compromisso com a garantia de direitos humanos fundamentais por meio do trabalho conjunto com sindicatos. O acordo inclui referências específicas às Convenções centrais da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre liberdade de associação, o direito à negociação coletiva, o direito a remuneração igual para homens e mulheres, a proibição do trabalho forçado e infantil e da discriminação.

O AMI veio como resposta ao uso feito pelo governo australiano de trabalhadores temporários migrantes para fazer baixar os salários e condições na Austrália. “Sob o governo Howard, os trabalhadores temporários migrantes têm sido terrivelmente explorados. Ao mesmo tempo em que apóia fortemente a imigração com base na cidadania plena e outros direitos, o AMWU tem buscado expor a situação difícil destes trabalhadores migrantes e tentado fazer acordos coletivos com as empresas envolvidas,” explica Julius Roe, presidente do AMWU.

“Dada a natureza internacional do emprego neste setor, um acordo internacional com o apoio da FITIM era essencial,” diz ele.

O acordo está publicado no site da FITIM: www.imfmetal.org/ifa

Empaca o AMI

ALEMANHA. Representantes sindicais da Rheinmetall e dirigentes sindicais da Áustria, Brasil, Alemanha, França, Itália, Espanha e Suíça se reuniram na Alemanha em junho para discutir a implementação do AMI acordado entre a Rheinmetall, a FITIM e o Conselho Europeu dos Trabalhadores (EWC) da empresa. Apesar dos esforços da FITIM e do sindicato alemão IG Metall para abrir um diálogo com a empresa

”O Grupo México e o governo mexicano devem responder perante a Lei, a mesma Lei que eles tão ostensivamente manipulam a seu favor e de seus lucros, ao custo das vidas de trabalhadores.”

Marcello Malentacchi / Auditoria no México página 7

”Sob o governo Howard os trabalhadores temporários migrantes têm sido terrivelmente explorados... o AMWU tem buscado expor a situação difícil destes trabalhadores migrantes e tentado fazer acordos coletivos com as empresas envolvidas.”

Julius Roe, presidente do AMWU / AMI Brunel página 4

a respeito da implementação do AMI, a direção da Rheinmetall se recusou a apoiar a reunião ou falar aos participantes.

Jürgen Peters, presidente da FITIM e do IG Metall, criticou publicamente esta falta de apoio como sendo “uma violação do acordo concluído”.

Na reunião, os delegados trocaram informações a respeito da situação atual na Rheinmetall, inclusive um relatório do Brasil sobre graves violações de padrões de saúde e segurança na unidade da empresa em Nova Odessa, São Paulo.

Foi acordado que a FITIM, em conjunto com o IG Metall e o EWC, tentariam abordar novamente a direção da empresa numa tentativa de discutir a implementação do AMI nas dependências da empresa e de sua cadeia de fornecimento.

A Rheinmetall é um fabricante de componentes automotivos, equipamento bélico e eletrônicos, sediado na Alemanha. O IFA foi firmado em 2003 e abrange 25.000 funcionários em 20 unidades de produção mundo afora. Para mais informações sobre o AMI:

www.imfmetal.org/ifa

SETOR AUTOMOTIVO

Áreas de montagem da AvtoVAZ fazem greve por melhores salários

RÚSSIA. 300 trabalhadores das áreas de montagem da fábrica Togliatti deste gigante do setor automotivo largaram as ferramentas em 1º de agosto. Sua reivindicação principal: aumento de salário para 25.000 rublos (1.000 dólares).

A AvtoVAZ é a maior empresa automotiva da Rússia, empregando mais de 110.000 pessoas. Os salários mensais na fábrica ficam entre 7.000 e 10.000 rublos (275 a 393 dólares), o que é pouco mesmo para os modestos padrões russos.

Os trabalhadores elegeram um comitê de greve independente. Dois sindicatos atuam na fábrica, o AutoSelhozMash (Sindicatos dos Trabalhadores do Setor Automotivo e de Maquinário Agrícola – AFW), filiado à FITIM, e o Edinstvo, que é candidato à filiação. O AFW não apoiou a greve, argumentando que havia discussões em curso com o empregador e que os protestos dos trabalhadores tinham motivação política.

A direção, junto com a polícia e a segurança da empresa, tem

pressionado o comitê de greve. Um de seus integrantes, Anton Vechkunin, foi mantido preso por 3 dias. O Edinstvo forneceu apoio jurídico à ação grevista e ajudou a manter o diálogo aberto com a direção da empresa.

Ford anuncia cortes de pessoal na Austrália

AUSTRÁLIA. A Ford Austrália anunciou em julho sua intenção de encerrar até 2010 a produção de um motor de seis cilindros em sua planta de Geelong. De acordo com o Sindicato Australiano de Trabalhadores Industriais (AMWU), a perda anunciada de 600 empregos também resultaria no desaparecimento de pelo menos mais 3.500 empregos nas indústrias locais de autopeças e de serviços.

A empresa alega que o fechamento se deve a vendas em baixa, à taxa de câmbio, a novos limites mais rigorosos para emissões e uma redução nas tarifas de importação de carros de 10% para 5% até 2010.

O sindicato convocou o governo australiano a negociar com a Ford um pacote para salvar os empregos e apoiar políticas industriais e comerciais que fortaleçam a indústria australiana.

UAW começa negociações de contratos

EUA. Começaram dia 20 de julho em Detroit, Michigan, as negociações coletivas nacionais entre o Sindicato dos Trabalhadores do Setor Automotivo (UAW) e as “três grandes” montadoras estadunidenses.

Os contratos atuais de 4 anos, que abrangem mais de 720.000 sócios ativos e inativos do UAW, vencem à meia-noite de 14 de setembro de 2007.

Ron Gettelfinger, presidente do UAW e suas equipes de negociação se reuniram com a Chrysler em 20 de julho, e com a GM e a Ford em 23 de julho.

Numa entrevista coletiva após a reunião da Chrysler, Gettelfinger disse aos repórteres: “Estamos entrando nessas negociações como fazemos em todas, isto é, para cuidar dos interesses de nossos sócios ativos e aposentados (...) a estabilidade do emprego é muito importante para nós e a indústria automotiva americana é muito importante para este país. Então, quando lutamos para preservar empregos, isto ajuda nossa nação como um todo.”



A esperança de um futuro melhor

Filhos de trabalhadores indianos do setor de sucata naval, na escola, torcem para que o documento consultivo (“green paper”) da União Européia sobre melhorias no sucateamento de navios venha a incluir recomendações da FITIM. Estas incluem trabalhar por uma indústria sustentável que melhore os direitos dos trabalhadores e as condições de saúde e segurança por meio da introdução de padrões legais para o sucateamento de navios, que é uma atividade perigosa. Entre 2001 e 2003, 14% dos navios sucateados tinham bandeira de países membros da UE. Na Índia, os trabalhadores ganham entre 1 e 2 dólares ao dia, e os custos para os patrões são insignificantes.

MANCHETES

PRINCIPAIS MANCHETES
DE SITES DE FILIADOS
MUNDO AFORA

SINDICATO CANADENSE DOS TRABALHADORES DO SETOR AUTOMOTIVO – CAW

www.caw.ca

- > Empregos, não Aquisições, diz Desnoyers
- > Protegendo o Direito de Greve no Setor de Saúde na Nova Escócia
- > Membros do CAW Ratificam Primeiro Contrato com a Serco
- > CAW Lança Política para Proteger Meio Ambiente e Empregos Canadenses
- > CAW Ratifica Novo Acordo com a VIA Rail

SINDICATO GERAL E DO TRANSPORTE – T&G (REINO UNIDO)

www.tgwu.org.uk

- > Sindicato Unite solicita que diretoria da Sainsbury's impeça aquisição
- > 'Vamos garantir empregos para Great Yarmouth,' diz Sindicato Unite
- > Biscoitos e não migalhas — fábrica de biscoitos em Wirral é salva
- > Trabalhadores do setor de cargas do aeroporto de Heathrow entram em greve — Nippon Express se recusa a conversar
- > Mantém-se firme a greve sobre cortes nas pensões em fábrica de helicópteros

SINDICATO NACIONAL DOS METALÚRGICOS – NUMSA (ÁFRICA DO SUL)

www.numsa.org.za

- > Indústria de pneus e borracha, que vivia dificuldades, conclui acordo histórico
- > Acordo coletivo histórico no setor automotivo
- > NUMSA faz greve exigindo reconhecimento por parte de fabricante de carros de corrida em Port Elizabeth
- > Decisão de arbitragem devolve empregos de 49 trabalhadores da BMW
- > Soropositivo demitido recupera emprego após intervenção do NUMSA



Metalúrgicos comemoram o 20º aniversário do Sindicato Nacional dos Metalúrgicos (NUMSA)

Foto: Jenny Grice / NUMSA

AÇO & METAL

Tribunal considera ilegal a greve na Mittal Steel Zenica

BÓSNIA. 3.300 trabalhadores da maior siderúrgica da Bósnia, a Mittal Steel Zenica, que entraram em greve dia 1º de agosto, foram instruídos a voltar ao trabalho depois de 2 dias, após um tribunal municipal ter decidido que o sindicato não havia satisfeito todas as condições legais antes de proceder à greve. Integrantes do Sindicato dos Metalúrgicos (TUM) fizeram a maior greve da Bósnia desde a guerra de 1992-95, após o fracasso das negociações coletivas iniciadas em junho. Os trabalhadores estão reivindicando um piso de 2,50 marcas (1,83 dólares) por hora — a hora atual paga 2 marcas. O sindicato também quer abonos noturnos e hora-extra alinhados com um acordo coletivo regional.

O tribunal negou o pedido da empresa de declarar a greve

“infundada”, o que deixa aberta uma janela de oportunidade para o sindicato corrigir quaisquer ilegalidades e recomeçar a greve.

DIREITOS HUMANOS E SINDICAIS

Grupo México vinculado ao assassinato de um mineiro

MÉXICO. Em 11 de agosto, às 20h30, perto da mina de cobre La Caridad em Nacozari, Sonora, Reinaldo Hernandez González, mineiro e membro do Sindicato Nacional de Trabalhadores Mineiros, Metalúrgicos e Similares da República Mexicana (SNTMMSRM) foi fatalmente atropelado por pistoleiros que trabalham para o Grupo Mexico.

De acordo com relatos, cerca de 90 trabalhadores faziam uma reunião perto da mina quando vários ônibus com o logo do

Grupo Mexico emboscaram os trabalhadores. Indivíduos dos ônibus da empresa começaram a jogar pedras nos trabalhadores e logo em seguida tiros foram disparados. Os trabalhadores então tentaram fugir em seus veículos, apenas para serem novamente interceptados pelos bate-paus da empresa. Foi durante este segundo confronto que novos disparos foram efetuados. Foi aí que os trabalhadores perceberam que González havia sido atingido fatalmente na testa.

O sindicato observou que a polícia esteve ausente durante o confronto de 2 horas em que houve 20 feridos e a morte de González. O SNTMMSRM também relata que ao menos 15 de seus sócios estão detidos atualmente, e que há relatos do uso de tortura contra eles.

Terceirizados iniciam greve violenta na Codelco

CHILE. Aproximadamente 28.000 trabalhadores terceirizados e “quarteirizados” das divisões El Salvador, Andina, El Teniente e Ventana da mineradora Codelco entraram em greve na manhã de 25 de junho. Eles reivindicam o fim das diferenças em condições empregatícias entre eles e outros trabalhadores na folha de pagamento da Codelco. Eles querem os mesmos abonos vinculados à produção, que podem chegar a 2,4 milhões de dólares por ano. Eles também exigem o cumprimento da Lei de Terceirizações.

No dia em questão, testemunharam-se incidentes violentos, especialmente na chamada Rodovia do Cobre que dá acesso à Divisão El Teniente, onde os trabalhadores bloquearam o acesso à mina queimando pneus, erigindo barricadas e ateando fogo a ônibus. Esses foram os choques mais violentos em tempos recentes na mineradora estatal. Vinte e um trabalhadores terceirizados empregados nas minas Chuquicamata e Radomiro Tomic foram detidos. Pelo menos mais 50 foram detidos após

distúrbios ao redor da mina El Teniente.

A Central Única de Trabalhadores chilena deu total apoio aos terceirizados e anunciou que a greve visa forçar a estatal do cobre a ir à mesa de negociações.

Trabalhadores indonésios lutam por salários atrasados

INDONÉSIA. 1.300 membros do sindicato Federasi Serikat Pekerja Metal Indonesia (FSPMI) estão lutando contra a PT Livatech para que esta pague salários atrasados há 4 meses e abonos de rescisão, como estipula a legislação trabalhista do país. O dono da PT Livatech, Goh Sing Hing, fechou a fábrica, na cidade de Batam, e se mudou para a Malásia. Ele se recusa a pagar o saldo devido aos trabalhadores.

A FITIM enviou uma carta apelando ao presidente indonésio Susilo Bambang Yudhoyono e ao primeiro-ministro da Malásia Abdulah Badawi. “A FITIM está profundamente preocupada com o bem-estar dos trabalhadores e suas famílias, e pede que os senhores solicitem ao Sr. Goh Sing Hing que pague todos os saldos pendentes de forma justa e imediata,” afirmou Marcello Malentacchi na carta aos chefes de governo.

De acordo com o FSPMI, a PT Livatech tem usado forças policiais e militares para atacar e intimidar os trabalhadores ao invés de pagar suas dívidas. Isto se choca frontalmente com a decisão do tribunal do trabalho da Indonésia, segundo a qual os trabalhadores devem receber os 4 meses e os abonos.

Atacada advogada dos familiares das vítimas da tragédia de Pasta de Conchos

MÉXICO. Em 19 de junho, a Dra. Cristina Auerbach Benavides, integrante da Pastoral Operária mexicana e advogada dos familiares dos mineiros mortos na tragédia de Pasta de Conchos, foi

vítima de um ‘assalto’ em frente à sua casa. Ao voltar da rodoviária no norte da Cidade do México, a Dra. Auerbach foi arrancada de seu carro por homens armados. Eles fugiram levando o carro, juntamente com itens pessoais (carteira de identidade, cartões bancários e de crédito, um celular Nextel, um micro-injetor de insulina, um chaveiro com todas as suas chaves etc), documentos importantes do caso Pasta de Conchos e um pendrive (USB) com cópias do dossiê Pasta de Conchos.

Nenhuma jóia, ou qualquer outro objeto de valor, foi roubada, embora os ‘assaltantes’ poderiam tê-lo feito facilmente. Ao fugirem, eles foram escoltados por um Ford Focus prata.

Durante os dois últimos meses, a Dra. Auerbach tem sido seguida por uma caminhonete Expedition preta, um Focus dourado e um Focus prata. Nos últimos meses, as famílias dos mineiros mortos na tragédia de Pasta de Conchos têm lutado contra a suspensão da operação de recuperação dos corpos por parte do Grupo Mexico, a demissão da maior parte dos trabalhadores e o desrespeito, por parte do Secretário do Trabalho

e Bem Estar Social, dos acordos sobre a recuperação dos corpos.

A Pastoral Operária e o Centro Diocesano pelos Direitos Humanos denunciaram o ataque sofrido pela Dra. Auerbach e estão agindo com urgência para que não fique sem punição. O escritório regional da FITIM enviou carta ao presidente do México, solicitando uma investigação e a punição dos responsáveis pelo ataque.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Auditoria no México

GENEBRA/MÉXICO. Uma auditoria num fundo de 55 milhões de dólares pertencente ao Sindicato Nacional de Mineiros e Metalúrgicos (SNTMMSRM) do México mostra que todas as contas estão prestadas, inocentando assim o secretário geral da entidade, Napoleón Gómez Urrutia, de todas as acusações de furto e apropriação indevida de recursos.

“Esta é uma vindicação poderosa para o Napoleón, o sindicato e líderes sindicais de todo o mundo que repetidamente denunciaram

as acusações falsas contra o Napoleón,” disse o secretário geral da FITIM, Marcello Malentacchi. “Esta auditoria não só prova que as acusações contra o Napoleón são infundadas, mas também destaca até que ponto o Grupo México e o governo mexicano estão dispostos a ir para se apoderar do SNTMMSRM.”

A auditoria foi encomendada pela FITIM e conduzida pela firma Horwath Berney Audit S.A. de Genebra, Suíça.

A auditoria é uma resposta a uma investigação do governo sobre o uso ilegal dos recursos. Em fevereiro e março de 2006, o governo mexicano usou documentos falsificados para acusar Gómez publicamente de se apropriar de uma quantia não especificada do fundo de 55 milhões de dólares, pertencente ao sindicato. O governo removeu Gómez de seu posto de secretário geral e impôs um substituto nomeado, e ainda, se apropriou de todos os seus bens, assim como os do SNTMMSRM.

O fundo milionário resulta de um acordo feito há quase 20 anos. Em 1989 e 1990, o governo mexicano vendeu três minas para o Grupo México. Na época, o negócio incluiu um pagamento ao SNTMMSRM de 31 milhões de dólares. Por 15 anos, o Grupo Mexico se recusou a honrar o acordo. Em janeiro de 2005, a empresa finalmente foi obrigada a pagar a cifra corrigida de 55 milhões de dólares. Até hoje, contas permanecem congeladas e indiciamentos contra Gómez estão pendentes em nível estadual. Entretanto, indiciamentos semelhantes contra Gómez na justiça federal foram retirados.

“São atos criminosos,” adiciona Malentacchi. “O Grupo Mexico e o governo mexicano devem responder perante a Lei, a mesma Lei que eles tão ostensivamente manipulam a seu favor e de seus lucros, ao custo das vidas de trabalhadores.” A FITIM está exigindo que todos os indiciamentos contra Gómez sejam retirados imediatamente, que os ativos congelados sejam devolvidos a Gómez e ao sindicato, e que aqueles envolvidos na adulteração de documentos e na distorção dos fatos sejam processados judicialmente, com celeridade e transparência.



“Esta auditoria não só prova que as acusações contra o Napoleón são infundadas e fraudulentas, mas também destaca até que ponto o Grupo México e o governo mexicano estão dispostos a ir para se apoderar do SNTMMSRM.”

Marcello Malentacchi / Mexico audit

Foto: SNTMMSRM

A luta dos trabalhadores da Cochlear por representação sindical

AUSTRÁLIA. A Cochlear Ltd., fabricante global de dispositivos de audição de última geração, está se valendo da legislação trabalhista anti-sindical australiana para negar a 260 de seus funcionários da unidade de produção de Sydney o direito de serem representados por seu sindicato, o Sindicato Australiano de Trabalhadores Industriais (AMWU).

O AMWU representa os trabalhadores da Cochlear há mais de uma década, tendo alcançado um alto padrão de salários e condições de trabalho. Este ano a direção da Cochlear iniciou uma campanha anti-sindical. Apesar de os trabalhadores terem votado a favor de um acordo coletivo negociado pelo sindicato em duas votações secretas, a empresa tem se recusado a negociar. Recentemente, a direção da Cochlear passou a usar as injustas leis australianas que regem os locais de trabalho para forçar os trabalhadores a firmar um acordo não-sindical, o que tem sido rejeitado repetidamente. Estas condições de trabalho injustas entrarão em vigor dia 6 de novembro.

Como parte da campanha global de apoio ao direito dos trabalhadores da Cochlear a representação sindical, a FITIM, à qual o AMWU é filiado, e a Internacional dos Serviços Públicos, que representa os trabalhadores de clínicas em que aparelhos auditivos da Cochlear são distribuídos, estão convocando seus filiados a agir e

juntar-se à campanha Listen Up Cochlear (Escuta Só, Cochlear).

Para obter mais informações e baixar materiais da campanha visite:

www.imfmetal.org/ListenUpCochlear

COMÉRCIO

Propostas da OMC para NAMA (Acesso a Mercados para produtos Não Agrícolas) são ruins para o desenvolvimento

GLOBAL. Trade unions opposed new proposals. Sindicatos se opuseram a novas propostas em conversações da Organização Mundial do Comércio (OMC) sobre produtos manufaturados realizadas em julho, argumentando que o novo "coeficiente" para países em desenvolvimento teria um sério impacto sobre o emprego e o desenvolvimento sustentável.

A proposta levaria a cortes médios de tarifas de cerca de 60% para países em desenvolvimento, baixando os níveis médios de tarifas para 12%, um nível tão baixo que prejudicaria a perspectiva de desenvolvimento industrial em muitas economias de países em desenvolvimento.

Além disso, as flexibilidades de tarifas propostas, que permitiriam que países em desenvolvimento protegessem e desenvolvessem setores específicos, intensivos em mão de obra, como têxteis, plásticos, papel, borracha, metais, automóveis e móveis,

são tão mínimas, que ofereceriam pouca proteção empregatícia para trabalhadores vulneráveis, reduzindo ainda mais as possibilidades do desenvolvimento.

A declaração conjunta dos sindicatos está publicada no site da FITIM:

www.imfmetal.org/NAMA

KMWU faz greve contra Tratado de Livre Comércio (TLC)

COREIA DO SUL/EUA. 110.000 membros do Sindicato Coreano dos Metalúrgicos (KMWU) fizeram greves e protestos contra o Tratado de Livre Comércio Coréia-EUA (Kor-US FTA) em locais de trabalho metalúrgicos de todo o país na última semana de junho. Sindicatos nos EUA também continuaram sua ação em oposição ao TLC, incluindo um lobby no Congresso.

O Kor-US FTA, assinado em 30 de junho, mas ainda não ratificado nem pelo Congresso estadunidense, nem pela Assembléia Nacional sul-coreana, vai jogar os trabalhadores dos dois países uns contra os outros, numa corrida insana aos menores preços.

Sindicatos nos dois países se opõem ao acordo. Num comunicado conjunto, os presidentes do UAW (Sindicato dos Trabalhadores do Setor Automotivo dos EUA) e do KMWU, Ron Gettelfinger e Gab-Deuk Jung, disseram: "O TLC levará a uma aceleração da mobilidade de capitais e da especulação, assim lançando trabalhadores estadunidenses contra trabalhadores coreanos, numa



Trabalhadores protestam contra o Kor-US FTA no centro da capital Seul em 29 de junho de 2007

Foto: KMWU

re-estruturação ilimitada que reduzirá os salários, a estabilidade no emprego e as condições de trabalho."

Falando em apoio aos sindicatos, o secretário geral da FITIM Marcello Malentacchi disse: "Ao negociar este acordo, nenhum dos governos avaliou o provável impacto econômico e social sobre os trabalhadores."

A Confederação Sindical Internacional (CSI) e a Comissão Sindical Consultiva (CSC) da OCDE se juntaram à FITIM e a muitas de suas entidades filiadas, e outras, no envio de cartas de solidariedade ao KMWU.

NOTÍCIAS DE FILIADOS

KMWU conquista melhoras salariais

CORÉIA DO SUL. Cerca de 22.000 integrantes do Sindicato Coreano dos Metalúrgicos (KMWU) fizeram greves de duas a seis horas de duração entre 18 e 24 de julho, reivindicando melhorias no salário mínimo, no poder de negociação coletiva, na questão da terceirização e na estabilidade empregatícia.

Chegou-se a um acordo em 25 de julho. Os ganhos dos trabalhadores incluem:

· Aumento de 8% no salário mínimo, fixado em 900.000 wons (985 dólares) para o ano que vem. O novo salário



O AMWU representa os trabalhadores da Cochlear há mais de uma década, tendo alcançado um alto padrão de salários e condições de trabalho

Foto: AMWU

mínimo se aplica a todos, inclusive trabalhadores temporários e migrantes.

- Os patrões se comprometeram a informar o sindicato 70 dias antes de qualquer divisão, fusão ou venda empresarial, e a executar os planos com o consentimento do sindicato.
- As empresas se comprometeram a oferecer condições justas para firmas terceirizadas.
- O sindicato e a patronal criarão uma comissão conjunta para garantir o emprego no ramo metalúrgico.

O KMWU está se posicionando para negociações para o ramo inteiro, mas 4 fabricantes de veículos, Hyundai Motor, Kia Motors, GM Daewoo e SsangYong Motor, que representam cerca de 60% dos 143.000 sócios do KMWU, se recusaram a participar das recentes discussões por temerem a chamada “dupla negociação”.

Novo Acordo no Setor de Engenharia na África do Sul

ÁFRICA DO SUL. Um novo acordo coletivo de 3 anos foi alcançado por sindicatos metalúrgicos e empregadores na África do Sul em 13 de julho, após negociações que se arrastaram e 3 dias de greve por 260.000 metalúrgicos pelo país afora.

O acordo foi feito por dois filiados da FITIM, o Sindicato Nacional dos Metalúrgicos (NUMSA), que representa a maior parte dos trabalhadores, e o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos e Eletricitários (MEWUSA), além de quatro outros sindicatos metalúrgicos, com a Federação das Indústrias de Siderurgia e Engenharia, que representa 9.000 empresas de engenharia.

O acordo foi uma vitória significativa para os trabalhadores dos setores de engenharia, automotivo, de pneus e da borracha. Ele abre caminho para a implementação de uma estrutura de funções de 5 níveis e um programa de distribuição de ações para funcionários, e gerará mais oportunidades de trabalho e de qualificação.

A federação dos empregadores também concordou em princípio com um aumento de salários, a partir de 1º de julho, de 9% para os que ganham menos e de 8% para o grau A



Metalúrgicos sul-africanos protestam por um novo acordo coletivo no setor de engenharia

Foto: Jenny Grice / NUMSA

avançado, e de 8,1% e 7,1% em 2008 e 2009, respectivamente.

REUNIÕES DA FITIM

Comunicadores da FITIM se reúnem

SUIÇA. Mobilizar trabalhadores contra o trabalho precário foi uma das questões chave no Fórum dos Comunicadores da FITIM, realizado em Genebra nos dias 20 e 21 de junho. Durante a reunião houve relatos de como o emprego precário cada vez mais afeta os metalúrgicos em muitas partes do mundo e debates sobre o melhor jeito dos sindicatos mobilizarem os trabalhadores contra o trabalho precário.

Um relatório da estratégia de comunicação por trás da campanha “Seus Direitos no Trabalho” do movimento sindical australiano foi discutido. Também esteve em pauta o uso de filmes de curta metragem para comunicar questões sindicais. À noite, houve uma apresentação especial de curtas sindicais num cinema local.

Também foi realizada uma vibrante discussão sobre jornais sindicais e

o futuro do acesso sindical à grande imprensa noticiosa.

Delegados da FITIM de 17 países participaram da reunião, assim como representantes das áreas de comunicação de várias outras Federações Sindicais Internacionais e da Federação Europeia dos Metalúrgicos (EMF).

Reunião da FITIM sobre comércio e investimentos chineses na África

ÁFRICA DO SUL. A FITIM realizou uma oficina regional na África do Sul em junho para congregar filiados africanos, especialistas em comércio, a assessoria regional e a assessoria do secretariado da FITIM para discutir o impacto do comércio e dos investimentos chineses no sul da África.

Os objetivos da oficina: oferecer uma oportunidade a sindicatos metalúrgicos, especialmente de países da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (CDAA), para aprender com especialistas sobre a realidade da expansão da China, particularmente, embora não

exclusivamente, na África; comparar experiências sindicais em diferentes regiões e setores; e coletar informações a respeito e analisar a rápida expansão da presença chinesa nos países da CDAA, com atenção para o impacto dos investimentos chineses sobre o emprego, os direitos trabalhistas e o desenvolvimento.

Os delegados recomendaram que os filiados devem se comprometer com a organização de todos os tipos de trabalhadores precários para que o movimento sindical sobreviva, reconhecendo que o crescente fenômeno da precarização do trabalho vai corroer suas bases a não ser que eles consigam alcançar e abraçar estes trabalhadores.

No próximo número...

METAL WORLD
No.4 / 2007

O foco estará na gigante de mineração e siderurgia BHP-Billiton no próximo número da Metal World, que sairá em dezembro de 2007. Também haverá a cobertura completa da reunião do Comitê Central da FITIM em Salvador, Bahia.

Aumenta o trabalho precário no ramo metalúrgico

GLOBAL. O trabalho temporário, informal, inseguro e contingente está aumentando no ramo metalúrgico, de acordo com uma pesquisa da FITIM sobre mudanças nas práticas empregatícias e trabalho precário. O levantamento aponta:

- 90% dos pesquisados disseram que o trabalho precário aumentou nos últimos 5 anos;
- dois terços dos pesquisados indicaram que os trabalhadores precários ganham muito menos que os trabalhadores permanentes; e
- dois terços dos pesquisados disseram que empresas em seus países estavam deixando de empregar trabalhadores temporários diretamente e passando a contratá-los por meio de agências ou corretores.

A pesquisa também apurou que sindicatos de metalúrgicos estão usando a negociação coletiva como resposta ao trabalho precário e se mobilizando em favor de mudanças legislativas para melhorar as proteções dos direitos dos trabalhadores. Acreditam, ainda, que os trabalhadores precários devam ser recrutados para os sindicatos já existentes.

Ações globais contra o trabalho precário serão discutidas na reunião do Comitê Central da FITIM no Brasil em 28 e 29 de novembro.

Em preparação para a reunião, a FITIM pesquisou seus filiados em 2007 e 2008 sobre a força do trabalho precário no ramo metalúrgico e como



Em agosto, milhares de metalúrgicos brasileiros estiveram em Brasília reivindicando, entre outras coisas, a ratificação da Convenção 158 da OIT, que trata da demissão por iniciativa do empregador. Ela foi aprovada pelo Brasil em 1995, mas um ano mais tarde foi suspensa após uma ação de uma organização patronal.

Foto: Valter Bittencourt / CNM/CUT

os sindicatos estão respondendo ao problema. Um total de 54 sindicatos dos cinco continentes, representando 62% da base mundial da FITIM, responderam à pesquisa.

Para obter mais detalhes e os resultados da pesquisa, consulte:

www.imfmetal.org/CC2007

Novo guia dos trabalhadores sobre os agressivos fundos de private equity

GLOBAL. Diante do fato de que os fundos de private equity gastaram mais de 725 bilhões de dólares em aquisições de empresas em 2006, a União Internacional de Trabalhadores da Alimentação e Agrícolas (UITA)

publicou um livro intitulado "Guia dos Trabalhadores sobre Private Equity".

A cartilha é voltada a sindicatos e seus sócios por todo o mundo, e explica numa linguagem acessível o que é private equity, como opera e os perigos que representa para os trabalhadores e sindicatos.

A UITA aponta possíveis estratégias para se negociar com os fundos de private equity, que estão se tornando atores cada vez mais significativos como donos e empregadores. Ela explica como um ambiente político específico, de desregulamentação, tem possibilitado que os fundos de expandam globalmente, e como a ação política pode conter os fundos.

A FITIM trabalha com a UITA e outras federações sindicais internacionais na questão private equity. Exemplos do guia e mais informações sobre private equity podem ser encontradas no site da UITA:

www.iuf.org/buyoutwatch

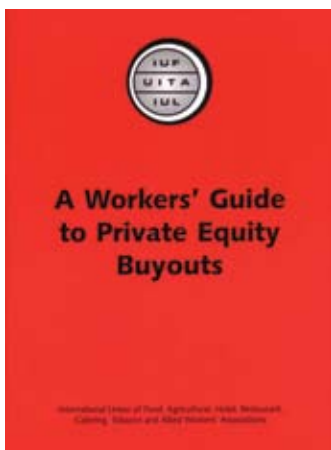
COMITÊ CENTRAL 2007

Comitê Central da FITIM 2007

BRASIL. Na reunião do Comitê Central da FITIM em Salvador, Bahia, dias 28 e 29 de novembro, os filiados discutirão ações globais contra o trabalho precário.

O trabalho precário tipicamente é não-permanente, temporário, informal, inseguro e contingente. Quem tem esses empregos frequentemente trabalha sem a cobertura da legislação trabalhista ou as proteções da seguridade social. O trabalho precário é causado por práticas empregatícias que visam maximizar os lucros e a flexibilidade, e transferir os riscos para os trabalhadores.

Outras questões que estarão na pauta do Comitê Central da FITIM são os preparativos para o Congresso da



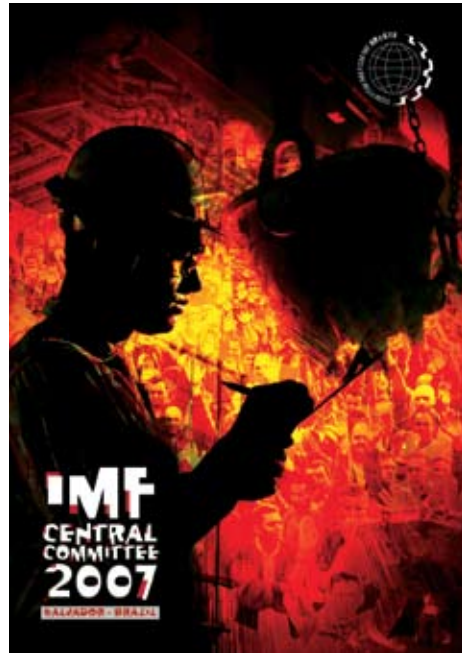
FITIM em 2009 e a designação de um(a) Secretário(a) Geral Assistente.

Na 2ª feira 26 de novembro, a oficina de mulheres da FITIM sobre trabalho precário ouvirá relatórios de diferentes regiões sobre como as mulheres são afetadas pelo trabalho precário e se preparará para a discussão no Comitê Central.

Na conclusão da reunião, os delegados e sindicalistas locais se juntarão num protesto no centro de Salvador contra o trabalho precário. Os filiados da FITIM são encorajados a participar da passeata com as bandeiras de seus sindicatos.

Para obter mais informações:

www.imfmetal.org/CC2007



Poster do Comitê Central da FITIM 2007

CALENDÁRIO 2007

SETEMBRO

04 - 06

Conselho Mundial Sindical da SKF
Gotemburgo, Suécia

10

Oficina da FITIM para o Leste Europeu sobre a organização das mulheres nas cadeias da eletrônica
Budapeste, Hungria

12 - 14

Reunião sub-regional da FITIM para o Sudeste Europeu
Sarajevo, Bósnia e Herzegovina

16 - 18

Conferência Mundial de Siderurgia da Mittal Arcelor
Montreal, Canadá

18 - 19

Implementação de Acordos Marco Internacionais no Brasil
São Paulo, Brasil

20 - 21

Comissão de Sistematização do Comitê Global Sindical da Volkswagen
Kassel, Alemanha

26 - 28

Grupo de Trabalho da FITIM sobre comércio e desenvolvimento
São Paulo, Brasil

OUTUBRO

8 - 10

Oficina de coordenação da FITIM para sindicatos russos do setor automotivo
São Petersburgo, Rússia

9 - 11

Conferência Global da BHP Billiton
Brisbane, Austrália

15 - 16

Reunião da Comissão de Coordenação do Comitê Regional Ásia-Pacífico (APREC)
Hanói, Vietnã

23 - 24

Reunião sobre o Grupo Gerdau
Rio de Janeiro, Brasil

NOVEMBRO

26

Oficina de Mulheres da FITIM sobre Trabalho Precário
Salvador, Bahia, Brasil

27

Reunião da Comissão Executiva da FITIM
Salvador, Bahia, Brasil

28 - 29

Reunião do Comitê Central da FITIM
Salvador, Bahia, Brasil



Assine METAL WORLD

Metal World é a revista trimestral gratuita da Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM), publicada em inglês, russo e japonês.

Se você gostaria de receber a Metal World, basta preencher e enviar este formulário para:

Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas

Case Postale 1516 Fax: +41 22 308 5055
CH 1227 Genebra Email: info@imfmetal.org
Suíça

NOME: _____

ENDEREÇO POSTAL: _____

EMAIL: _____

TELEFONE: _____

FAX: _____

SE VOCÊ É SÓCIO(A) OU
FUNCIONÁRIO(A) DE UM SINDICATO
FILIADO À FITIM, POR FAVOR
ESPECIFIQUE QUAL: _____

NÚMERO DE EXEMPLARES: _____

IDIOMA: _____



PRINCIPAL



O TRABALHO METALÚRGICO NO BRASIL

Texto / Valeska Solís

Fotos / Roberto Parizotti, Iugo Koyama e Raquel Camargo



Participantes da reunião do Comitê Central da FITIM, a se realizar no Brasil em novembro, encontrarão um movimento sindical muito forte, particularmente no ramo metalúrgico. →



Ser metalúrgico no Brasil não é pouca coisa: eles são mais de 1.800.000, num país onde o Presidente da República desde 2003, Luis Inácio Lula Da Silva, foi metalúrgico e dirigente sindical.

Lula foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, entidade entre as fundadoras da Central Única dos Trabalhadores (CUT), uma das centrais sindicais brasileiras de alcance nacional. Também presidiu o Partido dos Trabalhadores e foi candidato em quatro eleições presidenciais, até que o povo brasileiro afinal o elegeu em 2002.

A notícia de que um metalúrgico e não um empresário havia sido eleito surpreendeu muita gente, nacional e internacionalmente. À cerimônia da posse compareceram milhares de pessoas, inclusive muitos metalúrgicos, entre eles Julio Cesar Gonçalves. Julio, que trabalha na Daimler, queria estar presente na posse de Lula porque “queria ver com os meus próprios olhos um trabalhador, um metalúrgico, tomando posse na presidência, porque era uma coisa muito difícil, já que as pessoas sempre favoreciam os candidatos mais ricos.”



Presidente Lula fala no recente Congresso da CNM/CUT, junho de 2007

Foto: Roberto Parizotti

A vida de Julio César, ou Julinho, como é conhecido pelos amigos, tem muitas semelhanças com a de Lula. Ele é metalúrgico, funcionário da Daimler em sua fábrica de São Bernardo do Campo, e ativista do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Seu sindicato é filiado à Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM/CUT), que é filiada à FITIM. Como no caso de Lula, a pobreza também obrigou a família de Julinho a migrar para a Grande São Paulo. “Cheguei de Minas Gerais junto com meus pais e 11 irmãos, aos 13 anos de idade em 1978, para morar numa casa de um só quarto.”

A família se estabeleceu numa área conhecida como ABC paulista, que inclui 7 dos 33 municípios da região metropolitana de São Paulo. O ABC é o coração industrial do país e suas iniciais se referem a três dos municípios locais: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Julinho vive em Mauá, uma dos sete municípios do ABC, num bairro pobre, com sua esposa Deborah e dois filhos, João Victor de sete anos e Pedro Henrique de 18 meses.

José Pereira Miranda trabalha na fábrica de motores MWM e é ativista do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, filiado à Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM), que pertence à central Força Sindical e também é filiada à FITIM.

José é o mais velho de oito irmãos. Sua família também migrou de Minas Gerais. Aos 14 anos ele chegou em São Paulo com a família e foi morar numa favela. Hoje ele vive na periferia da cidade com sua esposa Mirley e sua filha Milena, de 3 anos. Ele está construindo sua própria casa, onde pretende abrir um negócio de serviços de internet voltado aos jovens do bairro sem acesso a computadores. “Graças a Deus estou construindo e terminando minha casa. Comprei um terreno para a minha família e pouco a pouco fui construindo. Já tenho a cozinha, um dormitório, o banheiro e a lavanderia, e estou construindo um segundo andar que será a biblioteca.”

José e Julinho enfrentaram uma infância de extrema pobreza. Entretanto, terem se tornado metalúrgicos significou melhorar consideravelmente suas condições de vida. Julinho começou a trabalhar na Daimler em São Bernardo do Campo em 1999, após trabalhar em várias fábricas menores e ter sido entregador de jornais na adolescência. Conseguir um emprego na Daimler permitiu que ele se casasse com Deborah no mesmo ano e finalmente construir uma casa. Atualmente, ele é operador de logística e trabalha das 5h45 até as 15h por um salário R\$13,45 por hora. A respeito de seu salário, ele comenta que “como as coisas estão hoje, está bem. Nos governos anteriores as coisas eram piores. Com o Lula a inflação se estabilizou. Hoje vou ao supermercado e os preços são os mesmos. Quando era o Fernando Henrique Cardoso, todo mês os preços subiam. Agora o poder de compra de alimentos melhorou muito. Antes, eu só ia a mercados pequenos; agora posso ir a grandes supermercados e shoppings, onde vão os ricos.”

Em 1988, por sugestão de um amigo que trabalhava na MWM, José passou na fábrica de motores para deixar seu currículo. “Fiquei encantado com o trabalho e decidi que queria trabalhar lá, e assim foi,” revela. Ele trabalha das 6h às 14h montando motores e seu salário mensal é de aproximadamente R\$1.500,00.

A IMPORTÂNCIA DO SINDICATO

Os trabalhadores do ABC se mantêm ativos na luta sindical diariamente. O sindicato negociou benefícios significativos para eles e os trabalhadores da Daimler não são exceção. Julinho acredita que o sindicato é muito importante e que é graças aos esforços do sindicato que ele ainda tem um emprego.

“Ter um metalúrgico na presidência faz toda a diferença porque o Lula aproveita cada oportunidade para mostrar que está do nosso lado.”

Valter Sanches, CNM/CUT Secretário Geral

Ele se lembra de uma época em que adoeceu em 2000 e não pôde trabalhar por 4 meses. “Quando retornei ao trabalho, eu estava na lista dos trabalhadores demitidos. Procurei a comissão de fábrica. Eles me deram todo o apoio e disseram que eu não podia ficar sem emprego por ter estado doente. Fiquei um mês sem trabalhar e a primeira coisa que o sindicato conseguiu foi que eu recebesse o salário assim mesmo. Aí recebi um telefonema me informando que eu seria reintegrado.”



José em seu posto na MWM

Foto: Iugo Koyama

De acordo com Julinho, os benefícios oferecidos pela empresa, tais como plano de saúde, clube de campo e vale alimentação, foram conquistados pela comissão

As comissões de fábrica são compostas por representantes dos trabalhadores da fábrica e são geralmente organizadas por um sindicato. Além da representação, elas oferecem serviços para os trabalhadores, tais como lanchonetes, computadores e salas de jogos, embora algumas sejam mais bem equipadas que outras. Na Daimler, todos os integrantes da comissão são liberados para o trabalho sindical em tempo integral.

Para José Pereira, “os sindicatos são tremendamente importantes, são núcleos que nos organizam e nos mantêm unidos dentro e fora da fábrica. É muito importante a presença do sindicato dentro da empresa. Hoje se vê mais consciência salarial, os acordos são respeitados e estamos sempre atentos às necessidades.”

Entre os benefícios oferecidos pela MWM, que ele assinala também resultarem do trabalho da comissão de fábrica, há transporte, melhoras no restaurante, plano de saúde, convênio escolar e bolsas de estudo. Ele enfatiza: “Eu mesmo sou um beneficiário, já que faço licenciatura em língua portuguesa para ser professor.” Diz também que deseja melhorar seu inglês, pois “a necessidade do mercado de trabalho é a capacitação. Hoje em dia se exige mais especialização e o metalúrgico precisa estudar. Sinto a necessidade de aprender e pretendo trabalhar como professor à tarde ou à noite, já que há muita demanda. No Brasil, para se ter uma boa educação é preciso frequentar escolas particulares.”

A LUTA SINDICAL

LA América Latina viveu governos militares em muitos países em tempos recentes, inclusive no Brasil, onde a ditadura durou de 1964 a 1985. Foi um período de repressão, assassinatos e violações dos direitos humanos.

Durante a década de 1980 e começo da década de 1990, os sindicatos se fortaleceram e os metalúrgicos estavam entre os primeiros a se reorganizar. Foi nessa época que as duas

confederações, CNM/CUT e CNTM/FS, surgiram. Elas lutam pelas mesmas causas, embora a CNM/CUT seja mais ligada a um dos partidos do governo, já que cerca de 80% dos líderes da CUT são do partido do Presidente Lula, o Partido dos Trabalhadores.

A eleição de um sindicalista e metalúrgico para a presidência aumentou as expectativas quanto à política do governo brasileiro sobre questões trabalhistas. Contudo, na prática, o que tem significado ter um metalúrgico como presidente? Os trabalhadores e sindicatos se beneficiaram?

Eleno Bezerra, presidente da CNTM/Força Sindical, diz: “Todos achavam que o governo Lula resolveria a maior parte dos problemas dos trabalhadores brasileiros, como por exemplo, a questão da reforma sindical, o reconhecimento das centrais e a redução das horas-extras. Isto não aconteceu, mas este governo tem sido sim um pouco melhor que os anteriores.”

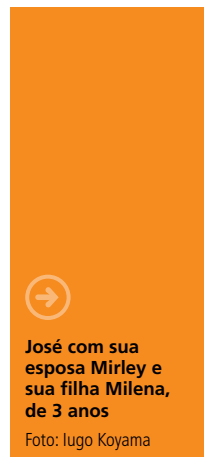
Valter Sanches, Secretário Geral da CNM/CUT, diz: “Com o Lula, por causa de sua história e compromisso, toda a política geral do governo é para privilegiar os mais pobres. Por exemplo, uma política de recuperação do valor real do salário mínimo negociado com as centrais sindicais, que em 4 anos dobrou seu poder de compra, entre muitas outras.” Ele explica que “o país volta a crescer e se desenvolver, mas com melhor distribuição de renda. As regiões mais pobres crescem a taxas mais altas que a média nacional. O mercado interno cresce e já criou quase 8 milhões de empregos entre 2003 e 2006, sendo 400.000 no ramo metalúrgico.”

E completa: “Ter um metalúrgico na presidência faz toda a diferença porque o Lula aproveita cada oportunidade para mostrar que está do nosso lado. Mas como o governo é de coalizão e contém forças políticas favoráveis ao capital, nós, os sindicatos, mantemos como nunca nossa independência e lutamos pelos interesses dos trabalhadores.”

Os dois dirigentes concordam que as melhorias salariais têm sido o maior êxito dos metalúrgicos. Nos últimos 4 anos, o aumento do nível de emprego, especialmente na indústria metalúrgica, resultou numa redução das diferenças salariais entre regiões, um aumento real de salário de 12% e um aumento de 40% no piso salarial.

Eles também concordam a respeito dos problemas enfrentados pelos trabalhadores e seus sindicatos. A terceirização é um deles, especialmente nas cidades mais remotas do país.

“Há uma grande diferença entre regiões com mais ou menos tradição de organização sindical. Os salários de trabalhadores da mesma empresa com plantas em diferentes regiões chegam a ser 4 vezes mais baixos,” explica Sanches.



José com sua esposa Mirley e sua filha Milena, de 3 anos

Foto: Iugo Koyama



“Há duas realidades diferentes. No sul, os sindicatos têm mais estrutura e mais força, e acabam enfrentando as empresas nas negociações e impedindo que terceirizem. Já no norte, os sindicatos têm mais dificuldades para enfrentar. Por isso estamos fazendo uma campanha para combater esta diferença,” diz Bezerra. O objetivo é concluir acordos que abranjam metalúrgicos de todas as regiões do Brasil. Sanches explica: “O eixo central da nossa intervenção é a luta por um Contrato Coletivo Nacional de Trabalho para diminuir estas diferenças regionais e setoriais. A principal bandeira de luta é buscar uma Campanha Salarial Nacional Unificada no mês de setembro.”

44 horas em Salvador e 47 horas em Recife, com 65,1% dos trabalhadores excedendo o número de horas permitido por lei. As confederações de metalúrgicos estão trabalhando conjuntamente para reduzir a jornada de 44 para 40 horas. Elas almejam organizar uma campanha para reduzir o número de horas-extras, o que estimulará a geração de novos empregos e evitará a exploração dos trabalhadores.

A POBREZA, O VALOR DA EDUCAÇÃO, AS CRIANÇAS

Julinho e José têm consciência de que existem diferenças expressivas entre as regiões do Brasil. O salário e a jornada em São Paulo ou no ABC são bem diferentes do interior ou de outros estados como Minas Gerais, onde as pessoas trabalham mais e ganham menos.

“Muitos amigos meus têm dificuldades para ganhar a vida e passam muita necessidade,” diz José. Ele fala de como a pobreza levou, por exemplo, a mães darem os filhos para a adoção porque não tinham condições de criá-los. José sabe disso por experiência própria, pois adotou sua filha Milena. Ele e sua mulher tentaram ter um filho por cerca de 10 anos. Apesar de um tratamento, não foi possível, então eles resolveram adotar. Esperaram dois anos até que conseguiram adotar Milena. A mãe biológica da neném a deu para adoção porque já tinha dois filhos e vivia em extrema pobreza.

O movimento sindical metalúrgico, especialmente em São Paulo, conseguiu alcançar melhores condições de trabalho e de vida após muita luta. Sua maior conquista é a participação nos lucros das empresas. Os trabalhadores recebem uma quantia anual negociada pelo sindicato. Graças ao programa, chamado Participação nos Lucros e Resultados (PLR), Julinho e José conseguiram construir suas casas, comprar um carro e dar mais conforto a suas famílias. “Antes de chegar na Daimler eu tinha somente o terreno. Agora posso ir à praia, me divertir mais,” diz Julinho.

Os dois trabalhadores têm muito em comum. Ambos migraram com suas famílias para fugir da pobreza e passaram muita necessidade na infância. Então quando falam de seus sonhos, eles apontam a educação.

“Meu sonho é que os sindicatos nunca acabem, para que eu tenha a segurança de que trabalharei na empresa até me aposentar. Muitos trabalhadores estariam desempregados sem o sindicato. Também quero que meus filhos vão à universidade para que tenham uma profissão e sejam reconhecidos por causa de sua educação,” diz Julinho.

“Estar sempre em processo de realização, me aperfeiçoar na educação, conhecer novos idiomas e que a minha filha tenha uma boa educação. Esse sonho é uma luta contínua,” diz José.

Há muitos trabalhadores que, como Julinho e José, escaparam da pobreza e agora vivem em condições dignas graças ao trabalho metalúrgico e da consciência sindical. A esperança é que, por meio da solidariedade, todos os outros trabalhadores brasileiros conquistem tanto quanto eles.



Eleno Bezerra,
Presidente da CNTM/
Força Sindical

Foto: Iugo Koyama

REFORMANDO AS LEIS TRABALHISTAS

No Brasil, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) não prevê a existência de centrais sindicais. Assim, a estrutura sindical e a legislação sobre negociação coletiva travam o fortalecimento dos sindicatos. “Muitas empresas não respeitam o direito à organização sindical. É muito comum que um dirigente sindical, quando começa a lutar pelos direitos de seus companheiros, seja demitido pela empresa,” explica Sanches.

É por isso que as confederações estão pressionando o Congresso Nacional para aprovar a reforma sindical e protestando contra tentativas da direita no Congresso de “flexibilizar” a legislação trabalhista.

Eleno concorda que a legislação trabalhista precise ser modernizada, mas argumenta que isto não deve resultar na eliminação de direitos dos trabalhadores. Segundo ele, a Constituição de 1988 dificultou as relações industriais porque permitiu a criação de sindicatos por profissão, o que enfraquece os sindicatos. Por exemplo, numa empresa com 500 funcionários, 200 podem ser de categorias que não a principal, de forma que não se pode representar coletivamente a totalidade dos trabalhadores. “O movimento sindical deste país é hoje um dos mais fortes do mundo, mas poderia ser muito mais forte,” acrescenta Eleno.

Os sindicatos também estão em campanha na questão da jornada. Estudos feitos pelo DIEESE mostram que a jornada de trabalho semanal média de um metalúrgico é de 42 horas em São Paulo,

BRASIL

A República Federativa do Brasil tem 190 milhões de habitantes. Sua capital é Brasília e o idioma oficial é o português.

O chefe do Poder Executivo é o Presidente, eleito por sufrágio universal a cada 4 anos.

O Brasil é o principal país do Mercosul, que inclui também Argentina, Paraguai e Uruguai, e desempenha um papel importante no G-20. Atualmente, é uma superpotência agrícola e um país industrializado. É um grande exportador de veículos, telefones celulares e aeronaves

“Meu sonho é que os sindicatos nunca acabem, para que eu tenha a segurança de que trabalharei na empresa até me aposentar. Muitos trabalhadores estariam desempregados sem o sindicato.”

Júlio Cesar Gonçalves

AÇÃO CONTRA O TRABALHO PRECÁRIO

Nos últimos meses, milhares de metalúrgicos têm participado de mobilizações de massa para evitar que trabalhadores precários perdessem acesso a benefícios sociais.

Em março, o Presidente Lula sancionou a lei que criou a “Super-Receita”, que unifica a Receita Federal e a Receita Previdenciária. Contudo, Lula vetou a polêmica “Emenda 3”, adicionada por um grupo de parlamentares à lei da Super-Receita e aprovada pelo Congresso por ampla margem. A emenda proibia que fiscais de rendas decidissem se um profissional autônomo poderia ser considerado uma firma ou não, isto é, se seria na verdade um contribuinte individual normal (pessoa física), na prática limitando o acesso dos trabalhadores que não têm uma relação de trabalho clara com um empregador a benefícios sociais. Por exemplo, a emenda acabaria com o 13º salário, férias remuneradas, assistência médica, o fundo de garantia e outros benefícios.

O mesmo grupo de parlamentares que propôs a emenda está ameaçando derrubar o veto. Tanto a CNTM/FS quanto a CNM/CUT estão fortemente mobilizadas contra essa possibilidade e têm apoiado uma série de protestos e passeatas sobre a questão.

Eleno Bezerra, Presidente da CNTM/FS, diz que se Lula não tivesse vetado a proposta, “ele teria entrado para a História como o presidente que retirou os direitos dos trabalhadores, porque não haveria mais muitos trabalhadores registrados dentro de seis anos. Teríamos virado uma outra China, que é o que as empresas querem.”



Julinho carregando a bandeira do sindicato e gritando palavras de ordem em meio a uma passeata contra a Emenda 3, uma proposta que na prática limitaria o acesso a benefícios sociais para trabalhadores sem uma relação de trabalho clara com um empregador.

Foto: Raquel Camargo





REPORTAGEM
ESPECIAL



MERCOSUL: PROBLEMAS, AVANÇOS E A ATUAÇÃO DOS SÍNDICATOS DE METALÚRGICOS

Texto / **Maria Silvia Portela de Castro**
Fotos / **Roberto Parizotti**

Em 1991, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai iniciaram um processo de criação de um Mercado Comum, conhecido como Mercosul. Este relatório analisa os desafios que os sindicatos enfrentam em influenciar a direção do Mercosul, um mercado no qual os setores automotivo e de metalurgia desempenham um papel significativo.

A liberalização financeira e comercial, as profundas mudanças tecnológicas e a transnacionalização dos mercados, vêm produzindo uma nova geografia comercial e produtiva, baseada na livre competição empresarial e no aumento da concentração do capital financeiro e tecnológico nos países mais desenvolvidos e mais industrializados.

Hoje, em praticamente toda a América Latina e o Caribe, com distintas graduações, a ação sindical enfrenta muitas dificuldades e ameaças, seja no âmbito da empresa, seja no nível setorial, derivadas dos processos de privatização, da abertura comercial e financeira e das novas formas de contratação de trabalho, introduzidas pela flexibilização trabalhista implementada, principalmente, nos anos 90. Os sindicatos passaram a viver num contexto que transcende fronteiras e os obriga a adequar-se a um novo cenário econômico e produtivo interno e externo.

Neste cenário ocorre o fenômeno da regionalização dos mercados e insere-se a criação do Mercosul, através da associação entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, em 1991. Processo que tem sido acompanhado de forma sistemática pelo sindicalismo desses países, que têm reivindicado não somente a adoção de instrumentos de proteção social e trabalhista, mas principalmente têm pressionado para que o ponto de vista do trabalho seja levado em conta nas negociações econômicas e comerciais.

Com este pano de fundo apresentamos os principais aspectos do Mercosul, apresentando uma breve retrospectiva e seu estágio atual; os avanços conseguidos no campo trabalhista; a importância dos setores automobilístico e a siderúrgico na agenda comercial e produtiva do bloco e os desafios que os sindicatos têm que enfrentar, para realmente incidir nos caminhos do mercosul, seja como base de inserção internacional, seja como instrumento para o desenvolvimento da região.

BREVES PALAVRAS SOBRE A TRAJETÓRIA DO MERCOSUL

O Mercado Comum do Sul – Mercosul, foi criado em 26/03/1991, através do Tratado de Assunção, assinado pela Argentina, pelo Brasil, pelo Paraguai e pelo Uruguai. Atualmente, os países do Mercosul concentram uma população estimada em 220 milhões de habitantes e um PIB de aproximadamente 1,3 trilhões de dólares.

Em 2006 a Venezuela pediu a adesão ao bloco e no momento atravessa um período de transição buscando cumprir um cronograma para sua incorporação.

O **Tratado de Assunção**, estabeleceu como objetivos a construção de um Mercado Comum entre os Estados que integram o Mercosul, prevendo chegar a um estágio de livre circulação de bens, capitais e pessoas. Como metodologia propôs que a construção do mercado comum se desse pela liberalização comercial, que teria início com uma zona de livre comércio e passaria a uma União Aduaneira, para posteriormente chegar a um Mercado Comum.

Desde então, pode-se dizer que o Mercosul vem percorrendo um caminho com muitos vaís e vens, que de forma sintética são descritos nos períodos apresentados a seguir.

a) 1991- 1994 – claramente um período de construção e com metas definidas – a implementação da zona de livre comércio, através da desgravação tarifária, definição do quadro da tarifa externa comum e comparação e harmonização das legislações e políticas dos 4 países em uma extensa lista de temas e disciplinas, com vistas ao estabelecimento futuro da união aduaneira. Foi um período de forte crescimento do comércio intra-região e de fim da transição do modelo de economia fechada para o período de economia aberta e desregulada.

Em 1994, realizou-se uma importante Conferência Diplomática, que aprovou o **Protocolo de Ouro Preto**, que definiu a estrutura institucional da nova fase do processo. Em janeiro de 1995, tinha início a instalação de uma zona de livre comércio imperfeita, em que Paraguai e Uruguai negociaram prazos mais longos para eliminar as tarifas e alguns produtos integraram listas de exceção, por serem considerados estratégicos, ou por aguardarem legislação comercial específica. Dessa lista de exceções, somente dois produtos ainda permanecem nessa condição: o açúcar e o setor automobilístico.

b) 1995-1997 – plena vigência dos Planos de supervalorização cambial e das privatizações; importante crescimento do comércio intra-zona e forte crescimento das importações extra-zona, provocando um alto déficit da balança comercial externa, principalmente da Argentina e Brasil, e intensa atividade negociadora externa. Período de poucas decisões em temas não comerciais.

c) 1998-2002 – crise e queda no volume de comércio; aumento de Decisões sobre temas políticos e sociais; intensa atividade negociadora externa.

d) 2003-2006 - Ainda em vigência, caracteriza-se por uma forte virada política, que tem início com a posse do presidente Lula no Brasil e que culmina com a entrada da Venezuela no bloco. Com exceção do aumento de interesse nas negociações na OMC, apresenta uma baixa atividade negociadora externa (suspensão da ALCA e não acordo com a UE), mas intensa atividade negociadora regional (relação com a CAN, construção da CSN, integração energética, etc). Diferencia-se dos períodos anteriores por seu discurso político e valorização dos temas sociais.

ESTRUTURA INSTITUCIONAL

O Protocolo de Ouro Preto definiu a estrutura institucional (inter-governamental) vigente até hoje. No nível decisório manteve o Conselho do Mercado Comum-CMC e o Grupo do Mercado Comum -GMC e criou a Comissão de Comércio do Mercosul - CCM, que tem como função garantir a finalização da zona de livre comércio e a construção da União Aduaneira. Ampliou ainda o papel da Comissão Parlamentar Conjunta – CPC e criou um organismo consultivo de representação da sociedade civil, o Foro Consultivo Econômico e Social – FCES, instalado em 1996.



Setores automotivo e de metalurgia têm crescido consideravelmente no Mercosul nos últimos anos.

Foto: Roberto Parizotti



Com o tempo, foram sendo estabelecidas novas instâncias temáticas subordinadas ao Grupo do Mercado Comum e agregados vários organismos à órbita do CMC, a maioria de caráter político e escopo social mais amplo, como é o caso da Reunião sobre Direitos Humanos e o Foro Consultivo de Municípios, Estados Federados, Províncias e Departamentos do Mercosul. Mas, todos, com baixo poder de interferência nas principais decisões políticas e econômicas que direcionam o bloco. Isto promoveu um crescimento desmedido da estrutura institucional que não tem se mostrado eficaz para resolver os impasses e lacunas do processo negociador.

Depois de 2004 houve um importante avanço na estrutura do Mercosul, impulsionado pelas novas concepções políticas dos atuais governos dos 4 países. Principalmente devem ser mencionadas a criação do Tribunal Arbitral do Mercosul (instalado em 2006 no Paraguai), a criação do Parlamento do Mercosul, instalado em Montevidéu (UY) em maio de 2007 e o Instituto Social, instalado em Assunção em junho de 2007.

O TRATAMENTO DOS TEMAS TRABALHISTAS

Por pressão da Coordenadora das Centrais Sindicais do Cone Sul – CCSCS, desde seu princípio o Mercosul contou com um espaço de tratamento dos temas trabalhistas - o Subgrupo de Relações Trabalhistas, Emprego e Seguridade Social, o SGT 10¹ - coordenado pelos Ministérios de Trabalho e com participação das organizações sindicais e empresariais dos quatro países. Funcionando desde 1992, o SGT 10 conseguiu alguns resultados importantes: a aprovação da Declaração Sociolaboral do Mercosul - DSL, em dezembro de 1998, um instrumento jurídico de caráter declaratório, não vinculante, que estabelece um compromisso entre os Estados Parte para a aplicação de um conjunto de direitos básicos e universais (direito de organização e negociação coletiva, não discriminação e igualdade de tratamento, erradicação do trabalho infantil e do trabalho forçado, implementação de políticas de emprego e formação profissional adequadas, adoção das normas fundamentais de saúde e higiene no trabalho, direito à seguridade social, etc). Para acompanhar sua aplicação foi criada a Comissão Sociolaboral-CSL, um órgão tripartite que começou a funcionar em 2000 e remete suas averiguações, recomendações e ou denúncias ao Grupo do Mercado Comum- GMC.

Além disso, em abril de 2004 foi realizada a primeira Conferência

de Emprego do Mercosul. O encontro foi tripartite e teve como principal resultado a criação do Grupo de Alto Nível para a Estratégia de Emprego do Mercosul -GANEMPLE, que aprovou no CMC suas primeiras Diretrizes em 2007. As linhas de trabalho e metas estabelecidas pelo GANEMPLE incluem a transformação do Observatório do Mercado de Trabalho num instituto de composição tripartite que deverá funcionar como organismo técnico para auxiliar na implementação de novas políticas de emprego.

AS MUDANÇAS POLÍTICAS E OS NOVOS DESAFIOS

A partir da eleição dos Presidentes Lula, no Brasil, em 2002, Kirchner, na Argentina, em 2003 e Tabaré Vasquez, no Uruguai em 2004, novos ventos políticos passaram a gerir o processo negociador do Mercosul e os temas sociais passaram a ter mais espaço.

Uma mudança significativa deu-se na política de relações externas. O Mercosul não aceitou a continuidade das negociações da ALCA e as propostas comerciais da União Européia, e passou a ter um papel de liderança na articulação das demandas de uma parte importante dos países em desenvolvimento nas negociações comerciais no âmbito da OMC. No plano regional, o Mercosul impulsiona o avanço da União Sul-americana de Nações e um complexo processo de integração energética (construção de gasodutos, extensão de linhas, biocombustível, etc)

Outro ponto muito importante foi a retomada de construção do mercado comum, através do Plano de Trabalho 2004-2006, um novo cronograma de metas aprovado em Montevidéu no final de 2003. Um plano de trabalho que, diferentemente dos anteriores, colocou dentre os temas principais, ao lado da integração comercial, questões como: cidadania, direitos trabalhistas e sociais, integração produtiva, criação do Parlamento do Mercosul, etc.

No ano de 2004, quando o Protocolo de Ouro Preto cumpriu 10 anos, os Presidentes do Mercosul assumiram definitivamente a necessidade de buscar formas efetivas de reduzir as assimetrias estruturais e políticas existentes entre os 4 sócios, dando assim um importante passo para consolidar o bloco. A decisão foi consequência da forte pressão dos países menores – principalmente do Uruguai – e os primeiros passos só foram concretizados em 2006 com a criação do Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul - FOCEM, que tem como objetivos: “financiar programas para promover a convergência estrutural; desenvolver a competitividade; promover a coesão social, em particular das economias menores e regiões menos desenvolvidas e apoiar o funcionamento da estrutura institucional e o fortalecimento do processo de integração.”

O montante total anual da contribuição dos Estados Parte ao FOCEM será de 100 milhões de dólares, integrado com base na média histórica do PIB do Mercosul: Argentina:27%, Brasil:70%, Paraguai:1% e Uruguai: 2%. Quanto à distribuição dos recursos, será de acordo com as seguintes porcentagens: o Paraguai receberá 48% dos recursos, Uruguai receberá 32%, e a Argentina e o Brasil receberão 10% cada um. Em 2007 o FOCEM entrou em funcionamento e em janeiro aprovou os primeiros 7 projetos a serem financiados (a maioria no Paraguai).

Outro ponto a ser destacado é a ampliação da agenda social e cidadã do Mercosul. Basta ver as decisões e Declarações Ministeriais e Presidenciais recentes, como também a concretização de iniciativas importantes, dentre as quais citamos: a realização da Conferência Regional de Emprego (2004) e a criação do Grupo de Alto Nível de Emprego (2005); a criação das Reuniões Especializadas de Agricultura Familiar-REAF (2004) e de Jovens (2006); reunião de Altas Autoridades de Direitos Humanos (2005); GT sobre a Questão Racial – 2006 e a realização de Cúpulas Sociais em 2006 e 2007, com apoio dos governos e participação de dezenas de entidades sociais.

¹ Primeiramente o SGT tomou o nome de SGT 11 por ocupar esse lugar ordem de criação dos subgrupos; depois de 1995 passou para o décimo lugar e passou a ser o SGT 10.

Analisando-se as Decisões do Conselho do Mercado Comum-CMC ao longo dos últimos anos, percebe-se que, a partir de 2003, há uma maior preocupação com os temas sociais e políticos e principalmente há uma forte onda de valorização do Mercosul e da integração sul-americana.

Quantificando os tipos de Decisões do CMC², de acordo com os temas em referência em seus títulos, percebe-se que cerca de 30% refere-se a questões ligadas ao estabelecimento do livre comércio (normas de comércio, atividades comerciais intra-Mercosul e com os países da ALADI, normas técnicas, comércio de serviços, etc) e 18% sobre a estrutura do Mercosul e o restante distribui-se por uma agenda de temas bastante diversificada. Mas se separarmos os dois blocos de Decisões e os tratarmos de forma periodizada, veremos como os novos temas se concentram neste último período.

A partir do ano de 2004, as decisões do CMC sobre temas comerciais e institucionais reduziram-se consideravelmente. Pode-se aventar que a queda do número de Decisões em temas comerciais foi consequência da maior politização do processo, com a consolidação de uma política regionalista e estabelecimento de parâmetros mais exigentes no relacionamento externo. Mas deve-se mencionar a ocorrência de fatos pouco alentadores como o aprofundamento do desequilíbrio comercial e das assimetrias entre os sócios menores e os maiores, que somente agora começam a ser enfrentados e as dificuldades em adotar uma política produtiva regional, através da integração das cadeias de valor, incorporação das pequenas e micro-empresas na rede de fornecedores das cadeias lideradas pelas multinacionais, visando criar um verdadeiro mercado regional de consumo, capaz de gerar empregos de qualidade.



Em 1991, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai iniciaram um processo de criação de um Mercado Comum, conhecido como Mercosul.

O PAPEL DOS SINDICATOS DE METALÚRGICOS

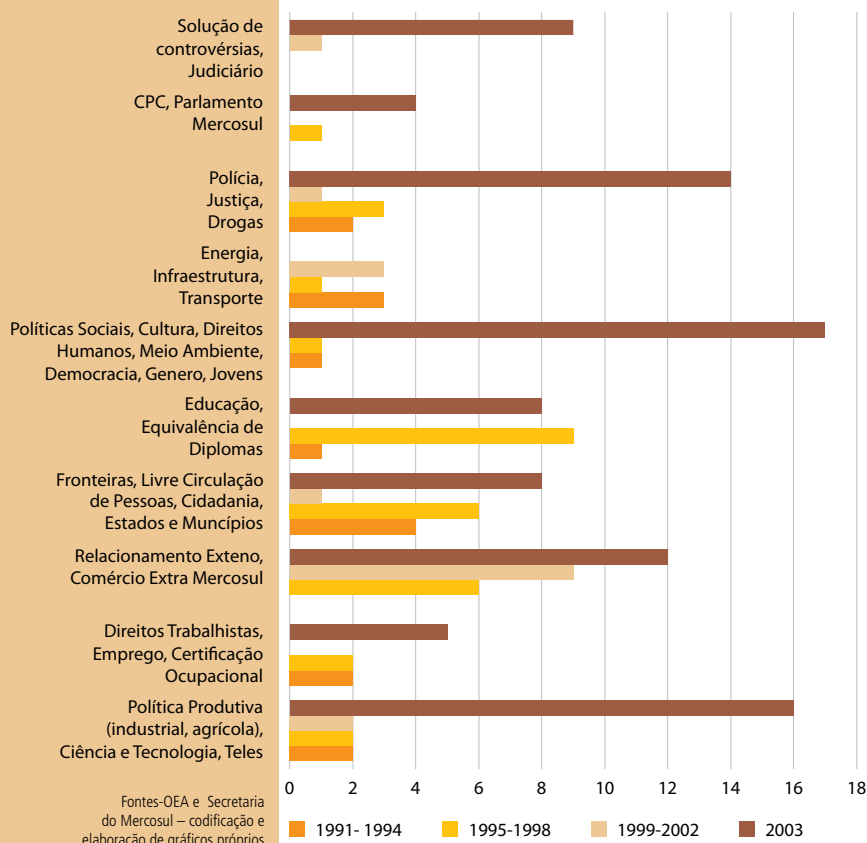
O movimento sindical dos países do Mercosul acompanha e participa ativamente desse processo, com presença direta em algumas das instâncias institucionais- fundamentalmente alguns subgrupos técnicos e no Foro Consultivo Econômico e Social –FCES. Essa ação unificada se dá através da Coordenadora de Centrais Sindicais do Cone Sul – CCSCS, organismo criado em 1986, com o apoio da Organização Regional Interamericana de Trabalhadores – ORIT integrada pelas seguintes centrais sindicais: Brasil – Central Única dos Trabalhadores-CUT, Confederação Geral dos Trabalhadores – CGT e Força Sindical – FS; Argentina- Confederación General del Trabajo – CGT; Paraguai- Central Unitária de Trabajadores – CUT e no Uruguai – Plenário Intersindical de Trabajadores; Convención Nacional de Trabajadores PIT-CNT.

Em 1991 a CCSCS fez seu primeiro pronunciamento público sobre o recém criado Mercosul com a seguinte avaliação: “El compromiso sindical con la integración existe, a condición de que aquella sea real, en el sentido de que se garantiza una protección social, política y cultural y que la transformación de la estructura productiva no se desarrolle en perjuicio de los trabajadores y del conjunto de los sectores populares””En este sentido, los compromisos democráticos de nuestros gobiernos exigen una clara opción por la promoción de instrumentos de participación social de nuestros pueblos” .

No biênio 1993/94 a CCSCS estabeleceu como uma de suas prioridades a formulação de propostas sobre os principais temas comerciais e produtivos, mais especificamente a Tarifa Externa Comum- TEC, Regime de Origem, Políticas de Promoção e Reconversão Produtiva e a criação de um Fundo de apoio e financiamento à reconversão produtiva. As propostas foram apresentadas aos Ministerios de Industria, em 1994, mas foram desconsideradas, pois não se coadunavam com as prioridades dos governos neoliberais de então.

Decisões do CMC em outras matérias que não comércio e estrutura institucional do Mercosul

(em numero de decisões)



² Principal organismo decisório do Mercosul, integrado pelos Ministros de Relações Exteriores e da Economia.

³ Documento da Coordenadora de Centrais Sindicais do Cone Sul – CCSCS para os Ministros de Trabalho das Republicas Integrantes do Mercosul, Foz de Iguazu, dezembro de 1991, in CASTILLO, Gerardo, GODIO, Jiljo e ORSATTI, Álvaro “Los Trabajadores y el Mercosur”, Ediciones Corregidor, Buenos Aires, 1996.



Há uma forte presença de multinacionais no setor metalúrgico do Mercosul

Foto: Roberto Parizotti



A Comissão Sindical Metalúrgica do Mercosul teve um papel decisivo nesse processo e forneceu os principais insumos e propostas para as formulações da CCSCS. Nesse processo, em várias oportunidades contou com o apoio do escritório regional da FITIM.

Na segunda metade dos anos 90, a indústria metalúrgica das duas maiores economias, enfrentou as sérias consequências dos equívocos das políticas de desregulação industrial e principalmente de convertibilidade cambial. Os empregos e salários foram diretamente atingidos e os sindicatos refletiram essa crise. Nesse período, a Comissão Sindical Metalúrgica, ligada a CCSCS (onde a totalidade dos sindicatos são filiados a FITIM) praticamente não atuou.

A partir das mudanças políticas mencionadas na Argentina e no Brasil, a indústria metalúrgica da região tem se recuperado e os sindicatos se fortaleceram nacionalmente e puderam voltar a atuar a nível Mercosul.

É importante registrar que segmentos industriais, como o automobilístico e o siderúrgico, têm crescido de forma significativa – no primeiro voltou a crescer o comércio intra-zona (hoje representa mais de 30% da balança comercial Brasil e Argentina) e no segundo, registra-se uma forte expansão das exportações argentinas e brasileiras a terceiros mercados (felizmente não competem entre si). Também deve-se mencionar que em ambos setores há uma fortíssima presença de grandes multinacionais, que controlam a cadeia produtiva e comercial na região e estão presentes em praticamente todos os países.

A compreensão desses aspectos é importante para fazer avançar o trabalho da Comissão Sindical Metalúrgica do Mercosul (coordenada pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos - CNM-CUT/Brasil entre 2004 e 2006 e, a partir de maio de 2007, pela Unión Obrera Metalúrgica –UOM/ Argentina) para a construção de uma pauta comum de reivindicações –principalmente nesses dois segmentos. Os sindicatos têm discutido a necessidade de pressionar pela construção de comitês Mercosul de trabalhadores de mesmos grupos empresariais e pela negociação de um piso salarial comum com os segmentos empresariais.

Uma agenda que reflete as principais diretrizes da FITIM e que certamente contará com seu total apoio.

GENTE



DAVE OLIVER

Dave Oliver tornou-se Secretário Nacional do Sindicato Australiano de Trabalhadores Industriais (AMWU) em maio de 2007, substituindo Doug Cameron, que renunciou para se candidatar ao parlamento federal na eleição australiana deste ano.

Dave entrou para o AMWU em 1981, foi organizador estadual eleito de 1988 a 1996, Secretário Nacional Assistente de 1996 a 2001 e Secretário Estadual no estado de Victoria de 2002 a 2007. Dave desempenhou um papel chave no desenvolvimento das estruturas de delegados do sindicato e liderou as negociações na disputa com a Tristar em 2000, resultando na criação de uma fundação nacional para garantir os benefícios dos trabalhadores.

Dave cita o crescimento no número de sócios, o aumento na cooperação internacional do sindicato e a derrota das leis anti-trabalhador do governo australiano como as questões chave perante o sindicato.

BERNARD MILINGA

Bernard Milinga foi eleito Secretário Geral do Sindicato Namibiano dos Trabalhadores Metalúrgicos e Aliados (MANWU) em março de 2007. Nascido durante a ocupação militar da Namíbia pela África do Sul, Bernard foi integrante ativo do movimento pela libertação nacional.

Em 1997, quando trabalhava na construtora Rumdel, Bernard foi eleito presidente da comissão de fábrica e da regional de Katima do MANWU. Em 2001, ele foi nomeado organizador regional responsável pela sindicalização de trabalhadores em Katima e Rundu.

Bernard espera fazer avançar a causa dos trabalhadores e melhorar a situação dos namibianos desempregados e pobres.



SAMANTHA KHAN

Samantha Khan passa a trabalhar no Escritório Regional da África da FITIM como assistente do representante regional, responsável por projetos e pelo desenvolvimento de materiais.

Samantha se envolveu com educação sindical e desenvolvimento de materiais quando trabalhava como coordenadora de projetos na Escola dos Trabalhadores em Durban, África do Sul. Ela coordenou os diplomas de Estudos do Trabalho e de Economia do Trabalho na Escola, e liderou uma equipe de autores ao desenvolver uma série de materiais sobre a economia política da África para trabalhadores. Samantha tem formação em direito e política, e há tempos se envolve em organizações da sociedade civil que atuam por mudanças sociais progressistas.

No recente Fórum dos Comunicadores da FITIM, os participantes ouviram relatórios sobre o trabalho precário na Coreia do Sul, Itália, Suécia, Índia e Brasil. Em seguida, houve uma discussão sobre uma campanha global contra o trabalho precário, começando pela identificação de nosso público-alvo. Eis aqui o que três participantes da reunião tiveram a dizer em resposta à pergunta:



Jung Hyungsuk

SINDICATO COREANO DOS METALÚRGICOS (KMWU), COREIA DO SUL

Quem é responsável por empregos de má qualidade e por forçar os trabalhadores a situações adversas? A resposta é: os neoliberais, capitalistas que buscam apenas mais lucros, e seus governos fantoches. Eles distorcem o mercado de trabalho e tornam os trabalhadores descartáveis.

Como podemos reverter essa tendência global chamada 'trabalho precário'? Lutas contínuas são a resposta. Quem as farão? Somente os trabalhadores podem. Portanto, quando tentamos organizar lutas contra o 'trabalho precário', os primeiros que devemos convencer sem dúvida são os trabalhadores.

Os trabalhadores não-sindicalizados e irregulares devem ser apoiados para resolver seus próprios problemas. Com este fim, os sindicatos com alguma influência têm que liderar a ofensiva. Entretanto, os problemas dos trabalhadores irregulares parecem remotos para o trabalhador comum registrado. Desde a crise financeira de 1988, os trabalhadores irregulares têm encabeçado as listas de demissões. Os capitalistas têm insistido que precisam dispensar os trabalhadores irregulares para aumentar os salários dos registrados. A consequência é que os trabalhadores são jogados uns contra os outros. Para perturbar as políticas dos neoliberais, precisamos nos preparar para uma longa guerra contra eles, baseada em lutas unificadas de trabalhadores irregulares e registrados. Precisamos ganhar essa guerra — nossas vidas estão em jogo.



Ao promover ações contra o trabalho precário, quem é que os sindicatos mais precisam convencer a respeito das desvantagens de empregos precários — os trabalhadores, os patrões ou os governos?

para as famílias torna impossível fazer planos em longo prazo.

Em seguida, vêm os empregadores, que não mais podem contar com o desenvolvimento e a permanência das habilidades e conhecimentos de que precisam para produzir bens e serviços, tanto em suas próprias empresas quanto em terceirizadas.

Por último, os governos, que vêm suas indústrias nacionais minadas e o equilíbrio social ameaçado.

Por esta razão, numa campanha deste tipo, a sindicalização deve aparecer como solução mais apropriada para combater o trabalho precário.

que representam os interesses dos trabalhadores, o trabalho precário é extremamente indesejável. Os trabalhadores que vão parar em empresas por meio da terceirização, por exemplo, têm problemas para acessar o sindicato e confirmar sua filiação. Conseqüentemente, eles são privados da possibilidade de defender seus direitos sócio-econômicos coletivamente. Por esta razão os sindicatos devem, em primeira instância, fornecer informações sobre as conseqüências negativas do trabalho precário para os trabalhadores.

Eu também acho que para o governo é preferível haver uma atmosfera social estável entre os trabalhadores, atingida por meio da parceria social, que não é possível sem sindicatos fortes. O trabalho precário favorece uma crescente flexibilidade no mercado de trabalho. O empregador é liberado de muitos deveres quanto ao bem estar social dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, o trabalho precário reduz a estabilidade das relações de trabalho e de todo o sistema de legislação trabalhista existente. O trabalho precário ameaça corroer o padrão de vida de todos os trabalhadores. Para se manter uma situação social estável entre os trabalhadores, o governo deve legislar e introduzir regulamentos fortes contra todas as formas de trabalho precário.



Marie-Jo Millan-Noirault

FEDERAÇÃO CONFEDERADA "FORCE OUVRIÈRE" DA METALURGIA (FO), FRANÇA

O desenvolvimento e o abuso do emprego inseguro representa hoje uma ameaça a todos os elos sociais. Por isso, uma campanha para denunciar este fenômeno deve ser visível a todos.

Embora esta realidade seja certamente muito mais dramática em várias regiões do mundo onde os trabalhadores em geral desfrutam de pouca ou nenhuma proteção, países ocidentais como a França não foram poupados. Aqui esta tendência também tem tido um efeito danoso sobre todos os atores sociais.

Em primeiro lugar, são os trabalhadores e suas famílias que sofrem com as várias limitações impostas pelo trabalho de horário flexível, a mobilidade geográfica forçada e a remuneração variável. A instabilidade



Irina Ledeneva

SINDICATO DOS MINEIROS E METALÚRGICOS DA RÚSSIA (MMWU)

O trabalho precário pode ter conseqüências tanto positivas quanto negativas para os empregadores e o estado. Mas para organizações

CAPITALISTAS LUCRAM ÀS CUSTAS DA SAÚDE DOS TRABALHADORES

Na primavera de 2005, Alexei Etmanov foi ao Brasil como membro de uma delegação sindical e retornou ao seu emprego numa fábrica da Ford na Rússia com um conceito totalmente novo de sindicalismo.

Texto / **Masha Kurzina**

SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA. WOs trabalhadores do setor automotivo russo, que sofre rápida expansão e avanço, estão hoje na vanguarda do movimento sindical no país. Um destes trabalhadores é Alexei Etmanov, presidente da Comissão Sindical da fábrica da Ford em Vsevolozhsk, uma cidadezinha perto de São Petersburgo.

“A Rússia hoje em dia é um país onde se pode construir carros com baixo custo e vendê-los com um bom lucro. Todos os grandes fabricantes automotivos do mundo estão de olho na Rússia. Apenas em São Petersburgo, três montadoras estão sendo construídas, além de duas fábricas de autopeças. Quem sabe quantas serão pelo país afora? Isto exige que aumentemos o padrão de remuneração e aproveitemos a escassez de trabalhadores qualificados, de forma que o alto grau de exploração seja ao menos compensado por salários altos. Embora certamente sejamos contra a exploração,” diz Alexei.

Alexei, que é soldador, veio para a fábrica da Ford e se sindicalizou em 2003. Na primavera de 2005, ele foi ao Brasil como integrante de uma delegação sindical apoiada pelo TIE (Transnational Information Exchange). Esta viagem mudou o seu conceito de sindicato — e a sua vida.

Alexei achou espantoso o contraste entre o sindicalismo russo e o brasileiro. Ele comparou as condições de trabalho nos dois países, considerando a diferença entre padrões de vida, e achou que os salários na Ford de Vsevolozhsk eram baixos demais. Ao contrário dos brasileiros, os trabalhadores russos não ganhavam abonos no fim do ano e não tinham participação nos lucros da empresa. E os ativistas do sindicato ainda estavam “cuidando de problemas”

e “fazendo o papel da gerência”.

Levou um ano e meio para que Alexei e seus companheiros de fábrica reavivassem o sindicato e o tornassem uma organização forte e sólida, respeitada pelos trabalhadores. O sindicato já fez duas campanhas para aumentar os salários e melhorar as condições de trabalho. A primeira incluiu duas operações-padrão em 2006, cujos resultados foram um aumento salarial de 14%, o fim das horas-extras regulares e um novo sistema de abonos. A segunda incluiu uma greve de um dia em fevereiro de 2007, que resultou num acordo que prevê a não-contratação de firmas terceirizadas ou trabalhadores avulsos (de agência) e outras melhorias financeiras e sociais para os trabalhadores.

A ofensiva e, mais importante, a vitória dos trabalhadores da Ford teve um efeito explosivo na Rússia, onde os sindicatos raramente chamam a atenção da grande imprensa. Com seu carisma e firmeza de princípios, Alexei se tornou um favorito da mídia. O número de março da edição russa da revista Forbes trouxe o título “Sindicatos contra o capital” e afirmou que é inútil lutar contra trabalhadores organizados. Embora tenha conseguido furar o bloqueio de informações, o sindicato logo teve que enfrentar uma contra-ofensiva dos patrões, incluindo-se aí uma série de demissões ilegais, detenções e represálias.

Hoje, as principais reivindicações dos trabalhadores da Ford incluem, além de aumento salarial, reconhecimento de operações danosas e oposição à terceirização. “Nas empresas transnacionais os trabalhadores vivem sob enorme pressão,” diz Alexei. “As pessoas estão sendo viciadas em

GENTE

ALEXEI ETMANOV

País / **Rússia**

Posição / **Presidente**

Sindicato / **Comissão Sindical da Ford Motor Company, Vsevolozhsk**



hora-extra. Acostumam o trabalhador ou trabalhadora à hora-extra para que trabalhe mais 100 horas por mês e dobre seu salário, mas às custas de sua saúde. E depois quem vai computar o tempo e dinheiro que essa pessoa vai gastar para recuperar sua saúde? Eles vivem nos dizendo, ‘a produção é segura, não faz mal à saúde’. Mas nunca na vida eu vi uma área de solda ou pintura onde perigos à saúde não fossem reconhecidos,” diz ele. Alexei é otimista quanto à perspectiva para o sindicalismo na Rússia. “A perspectiva para o sindicalismo no setor automotivo é ótima. A verdade é que nós russos não mais toleraremos essa situação de

‘nativos’ dispostos a trabalhar em troca de ‘contas de vidro’ e ‘aguardente’. E com igual rapidez vem a compreensão de que apenas unidos os trabalhadores podem resistir o poder do dinheiro e das leis feitas para proteger os patrões,” diz Alexei.

A Comissão Sindical da Ford pertence ao Sindicato Inter-regional de Trabalhadores do Setor Automotivo (IATU) na Rússia. O pedido do IATU de filiação à FITIM será considerado pelo Comitê Central em novembro deste ano.